

Escola Polivalente de Abreu e lima
Praça da Bandeira s/n, CEP – 53510-470
Centro- Abreu e Lima - PE
(81) 3542- 1398

**PLANTAS SAGRADAS DO CANDOMBLÉ: A PRESENÇA DO FEMININO NAS
RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

COORDENADOR DO PROJETO: Prof. Inaldo do Nascimento Ferreira

Inaldoferreira1@yahoo.com.br

(81) 8828-664

SUMÁRIO

	Página
JUSTIFICATIVA.....	01
OBJETIVOS.....	03
METODOLOGIA.....	03
EMBASAMENTO TEÓRICO.....	11
POTENCIAL DE IMPÁCTO.....	12
RESULTADOS IMEDIATOS.....	12
PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E SUSTENTABILIDADE DO TRABALHO.....	13
ANEXO.....	13

PLANTAS SAGRADAS DO CANDOMBLÉ: A PRESENÇA DO FEMININO NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

ESCOLA POLIVALENTE DE ABREU E LIMA

PROFESSOR COORDENADOR: INALDO DO NASCIMENTO FERREIRA

JUSTIFICATIVA

A Escola Polivalente de Abreu e Lima está situada na cidade de Abreu e Lima, Região Metropolitana do Recife, com cerca de (3.000) alunos no ensino fundamental e médio, está inserida em um município conhecido como a cidade dos evangélicos, ou seja, “A cidade que mais possuem protestantes no estado de Pernambuco”. Como fruto da religião tida como “oficial na cidade” a reprodução de diversos conflitos religiosos era recorrente em nosso espaço escolar, entre eles a segregação de alunos que possuíam religião de matriz africana (candomblé). Nessa situação os estudantes que professavam tal religião, eram sempre vítimas de agressões verbais, sendo discriminados e hostilizados por grande parte da comunidade escolar.

Segundo Hieda & Alves (2011) os cultos religiosos ligados à religião afro-brasileira sofre preconceitos pelo senso comum de se pensar que é do mal, pagã e primitiva. Essa má interpretação do que é normal, leva o indivíduo ou grupo de indivíduos a acharem que tem um poder de julgamento, levando as suas convicções religiosas ao extremo, esmagando as religiões tidas como não cristã, desprezando assim a cultura afirmativa que propiciam a tolerância.

Durante o ano de 2012 umas séries de situações ocorridas no estado de Pernambuco nos deixaram bastante chocados, entre eles: A destruição de um templo de candomblé no município de Brejo da Madre de Deus/PE; tentativa de invasão de um terreiro no município de Olinda/PE por membros de igrejas pentecostais e exposição da imagem de uma Mãe-de-santo por uma igreja evangélica chamando-a de feiticeira numa rede social. Todos os relatos acima mencionados ocorreram por um único motivo: A intolerância religiosa. Essa situação não está restrita ao nosso estado, mais em todo território nacional se escuta notícias de abusos, preconceitos e discriminações contra os povos tradicionais de terreiro de candomblé.

A minha preocupação aumentou quando uma das alunas do ensino médio (C.B.S) de 16 anos começou a faltar as aulas por estar sendo perseguida e segregada dos trabalhos em equipe por conta de sua família ser membro de um terreiro de candomblé na comunidade.

Na nossa concepção quanto escola, principalmente por possuir uma política de gestão democrática, era inadmissível que em pleno século XXI, principalmente em um espaço inclusivo e igualitário, alunos fossem discriminados simplesmente por possuir uma religião diferente da eurocêntrica. Percebíamos também que essa situação ocasionava o bullying religioso que poderia deixar marcas irreparáveis na vítima, entre elas: Negação de sua religião, desinteresse pela escola e problemas psicossomáticos.

Mesmo sendo uma religião de tolerância, principalmente por garantir os direitos das mulheres nos aspectos filial (Filha-de-santo); sacerdotal (Mãe-de-santo) e divinal (Orixás), o candomblé ainda continua sendo uma religião tida como satânica ou do mal, fatores esses que contribuem para a intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana.

Não muito distante, percebíamos também que os estudantes do ensino médio da manhã, era o grupo que apresentava maior discriminação e preconceito contra mulheres, onde as mesmas eram sempre colocadas em posição de inferioridade, com expressão, tipo:

“Professor sempre coloco as meninas para fazer os desenhos e as capas dos trabalhos de minha equipe, pois são mais delicadas e frágeis” (A.I.S) aluno do 1º ano do ensino médio.

De fato as situações citadas acima contribuía para a construção distorcida de papéis sexuais e de estereótipos que colocavam a mulher em situação desfavorável. Diante do exposto resolvemos repensar nossa prática pedagógica associando a presença do feminino no candomblé, pois estaria trabalhando e combatendo duas situações: o sexismo e à intolerância religiosa ao mesmo tempo.

As atividades ocorreram de março à dezembro de 2012, envolvendo cerca de 250 alunos de ensino médio. O trabalho também foi multidisciplinar, envolvendo a participação dos professores de biologia, história, geografia, filosofia e sociologia; houve também a participação de funcionários da escola, bem como representante da comunidade externa.

OBJETIVOS

- Motivar o respeito e a tolerância dentro do espaço escolar como instrumento eficaz no combate as desigualdades religiosas e sexuais;
- Combater à intolerância religiosa e o sexismo dentro do espaço escolar, tendo como ponto de partida a contribuição e importância das mulheres dentro do candomblé.
- Discutir as questões de gêneros dentro das religiões tradicionais e afro-brasileiras;
- Compreender a importância da mulher na religião dos povos tradicionais de terreiro;
- Resgatar historicamente a luta das Mães-de-santo que contribuíram para a preservação de suas tradições em Pernambuco;
- Propiciar o intercâmbio entre a comunidade interna e externa para descobertas e trocas de experiências;
- Utilizar a internet como ferramenta potencial do aprendizado e construção de mídia digital;
- Preservar as plantas sagradas dos orixás femininos no âmbito escolar.

METODOLOGIA

No início, surgiram algumas indagações que poderiam interferir no projeto, entre elas: Como trabalhar intolerância religiosa dentro de uma cidade totalmente evangélica? Como tornar as aulas mais atrativas para que os estudantes aprendessem? Como discutir sexismo e religião? Como abordar uma religião que era tida como demoníaca? Como trabalhar candomblé e mulher ao mesmo tempo? As dúvidas eram muitas, mais era preciso seguir adiante, ficando a expectativa que em breve obteríamos se não todas, algumas respostas que tanto nos afligiam.

Tínha-mos conhecimento que quando os africanos introduziram a sua cultura no Brasil através da diáspora forçada, utilizavam as plantas para reverenciar seus ancestrais (Orixás) sendo sagradas no seu culto. Como era o momento de abordar o conteúdo de botânica no semestre dentro das disciplinas de ciências e biologia, e os alunos gostam muito das aulas práticas e de campo, surgiu uma ideia que para muitos poderia ser maluquice, mais dentro da

nossa cabeça ela tava fervilhando e sinalizando que poderia dar certo da seguinte forma: Trabalhar as plantas sagradas dos Orixás femininos e a importância das Yalorixás (Mães de santo) dentro do candomblé. Assim estaria construindo o universo feminino dentro das religiões de matriz africana, como instrumento no combate à intolerância religiosa. Foi assim que surgiu o projeto. Nesse momento estávamos convictos do grande desafio que nas nossas cabeças sabiam que não seria fácil, mais necessário para o respeito à pluralidade e igualdade de gênero no âmbito escolar.

Como tentativa de resgatar a aluna (C.B.S), cujo relato foi informado acima, pedimos a ela que vivenciasse o projeto conosco para desconstruir o preconceito e garantir sua permanência na escola. No começo hesitou bastante, mais aos poucos conseguimos contar com sua presença como nossa aliada nessa jornada que ia ser desafiadora, mais que poderia gerar grandes frutos.

Para dar seguimento à ação precisávamos saber quais eram as plantas utilizadas e sagradas dentro do candomblé para iniciar as oficinas com os alunos. Ao lermos alguns livros em etnobotânica e artigos científicos sobre plantas do candomblé, entre eles: (Barros, 1993; Camargo, 1998 e Souza et al. 2012), bem como aqueles ligados a importância da mulher dentro da religião afro (Bernardo, 2005; ; Bastos ,2009; Joaquim, 2001 e Prandi, 2001) tivemos a fundamentação teórica para iniciar o projeto.

As oficinas foram organizadas em dois momentos: Teórico, executadas no auditório e na sala de aula; e prático, executadas no laboratório de biologia, sala de informática e campo.

As oficinas teóricas teve início quando os alunos foram levados para o auditório onde com ajuda de um projetor multimídia tiveram noções de: Direitos humanos; respeito e tolerância religiosa; preconceito e discriminação; sexismo e papéis sexuais e diversidade sexual e religiosa. Durante a oficina procurávamos não chocar os alunos nas abordagens, mas sempre frisávamos que a escola é um espaço inclusivo e igualitário, devendo acolher a todos independente do sexo, cor, raça e religião. Após a explanação dos conteúdos acima elencados, os estudantes perguntaram de imediato o que tinha a ver a oficina oferecida com as disciplinas envolvidas no projeto. Prometemos a eles que em breve iam obter a resposta.

Em outro momento na sala de aula, em pequenos grupos os estudantes puderam também ler e discutir em equipe a lei 10.639/2003 (história da cultura afro-brasileira e

africana), promovida pelas disciplinas de filosofia, sociologia e história. Após a leitura e discussão, os alunos foram provocados a refletirem sobre as religiões afro-brasileiras e sua importância para o povo negro, frisando no momento que o candomblé era uma religião de tolerância e que permitia que as mulheres assumissem a posição de sacerdotisa (Yalorixás/Mãe-de-santo) e divindade (Orixás). Eles ficaram surpresos com a afirmação, pois era a primeira vez que se tinha levantado esse debate na escola. Com o intuito de provocar uma discussão ainda maior em sala de aula, foi pedido como tarefa extraclasse uma pesquisa sobre as principais Yalorixás e sua participação efetiva na preservação das tradições afro-brasileiras no estado de Pernambuco.

Segundo Bastos (2009) a presença e autoridade das mulheres nas religiões afro-brasileiras chamam atenção em função das características do papel desempenhado pelas mesmas quando comparadas aos papéis que lhes são destinados em outras denominações religiosas fora do campo afro-brasileiro.

Essa ação foi importante para resgatar historicamente a importância da mulher na luta por uma sociedade igualitária, principalmente no campo religioso. Certamente não foi fácil esse momento, pois para a maioria dos alunos a religião do povo de santo era tida como obra demoníaca e que era contra os princípios de Deus, mais era importante seguir adiante mesmo diante de tantos desafios.

As duas oficinas citadas acima possibilitou um panorama muito importante para dar continuidade ao projeto, pois através delas conseguimos tirar os alunos da inércia provocando-os através de questionamentos e discussões sobre a intolerância religiosa e a contribuição da mulher no candomblé.

Na roda de diálogos que se seguiam logo após as oficinas, percebíamos claramente através da fala de alguns alunos que grande parte dos preconceitos e discriminações era gerada pela falta de conhecimento sobre o tema. Essa falta de informação era manifestada em forma de violência verbal. Com o avançar das oficinas, para a nossa surpresa, os estudantes se mostraram interessados em dar continuidade às discussões, perguntando quando teria outro momento igual, isso nos motivou bastante a seguir em frente e utilizar a importância da mulher no candomblé para quebrar paradigmas.

As oficinas práticas foram iniciadas quando foi introduzido o tema nas aulas de botânica, na disciplina de biologia. Na ocasião foi entregue aos alunos uma lista de

aproximadamente setenta e cinco plantas de uso medicinal, para que fossem coletadas dos seus quintais ou de florestas próximas de suas casas e trazidas para a escola em um prazo de três dias. A princípio somente os professores envolvidos no projeto sabiam que grande parte das plantas que foram pedidas eram também utilizadas no candomblé, mais preferimos manter segredo até o momento da apresentação das plantas coletadas. No mesmo instante o professor de biologia comentou que se introduziriam as plantas como ferramenta no combate à intolerância religiosa e o sexismo, e que a disciplina seria oferecida de forma diferente. Foi observado que os alunos gostaram da ideia, pois as aulas seriam praticadas no laboratório e em campo. No dia marcado para entrega, os alunos trouxeram quase todas as plantas indicadas na lista, mostrando o interesse em estudá-las. Foi nessa ocasião que percebemos que as atividades práticas estavam mais interessantes e que poderia ajudar na construção da tolerância e do respeito.

No encontro seguinte os alunos foram levados em número de quinze por vez, tendo em vista o pequeno porte do laboratório de biologia, onde foi explicado que as plantas passariam por um processo de conservação através da desidratação (chamado também de herborização). Sentimos que eles ficaram animados com a novidade e com a possibilidade dos mesmos confeccionarem seu material.

Na ocasião foi perguntado se eles sabiam o que era uma exsicata? Afirmaram que não. Posteriormente foi explicado o seguinte: Exsicata consiste em preservar as características morfológicas e anatômicas de um vegetal através de uma técnica especial, com a finalidade de preservação do patrimônio biológico e genético de uma planta. Nesse instante eles aprenderam as principais noções de montagem de exsicatas, manutenção de plantas em herbários (local de conservar e guardar plantas), processo de herborização e dados de coleta. Após as abordagens os alunos começaram a separar as plantas, com diversas possibilidades de interação e sensação, inclusive despertadas através do olfato pelo aroma das ervas sagradas.

A montagem das exsicatas foi feita da seguinte maneira: as plantas foram separadas pela espécie e ainda frescas eram colocadas sobre um papelão em formato retangular, em seguida uma folha de jornal por cima, outra camada de papelão, outra planta e outra camada de jornal, assim sucessivamente até estarem de forma sobrepostas. O material era prensado em duas grades de madeiras, uma embaixo e outra em cima amarrado com cordão e levadas para estufa à 120° C por quatro dias.

Após quatro dias os estudantes retiraram as plantas que estavam prensadas da estufa, em seguida foram formadas equipes de cinco alunos para manusear o material. Eles ficaram surpresos com os aspectos das plantas, pois era a primeira vez que confeccionavam esse tipo de material. Em seguida colocaram as plantas em um pedaço de cartolina retangular, presa com ajuda de agulhas e linhas. As plantas mesmo desidratadas ficaram em estado perfeito, preservando as suas características morfológicas e anatômicas íntegras para estudos. No total cerca de 110 plantas foram catalogadas nesta ação.

Dentre as plantas catalogadas estão: Ipê amarelo (*Tabebuia chrysotricha*); Hortelã (*Mentha piperita*); Lírio do brejo (*Hedychium Coronarium*); Avenca (*Adiantum* sp.) e Pata de vaca (*Bauhinia forficata*).

Após a herborização as exsicatas foram recolhidas e outra oficina foi oferecida, desta vez os alunos foram levados para sala de informática da escola em pequenos grupos, onde foi pedido para que pesquisassem na internet em fontes confiáveis e oficiais (artigos científicos em pdf) o uso medicinal de cada planta para serem inseridas nas exsicatas. Este momento foi importante, pois o objetivo era que o espaço virtual fosse utilizado também como um mecanismo de aprendizado e inclusão digital, além de um ambiente potencial para o incentivo às descobertas.

Ao pesquisar a utilização do uso medicinal das plantas, precisaria também acrescentar outras informações complementares. Explicamos na ocasião que as plantas medicinais que seus pais utilizavam para curar doenças eram também sagradas para a religião afro-brasileira, e que para cada planta existia um orixá regente, que no nosso caso seria as divindades femininas. Segundo Silva (1994) existem no panteão afro-brasileiro aproximadamente 14 orixás que são cultuados pelos povos tradicionais de terreiro, dos quais cinco são femininos: Oxum (divindade das águas doces e cachoeiras); Iemanjá (divindade do mar); Nanã (divindade da lama e do lodo dos pântanos), Obá (divindade das águas revoltas) e Iansã (deusa dos raios e tempestades).

No começo ficaram surpresos, pois não esperavam que a mesma planta pudesse ter funções tão distintas, dependendo de quem as utilizassem. Era chegado o momento de quebra de paradigmas tão esperado, pois foram provocados a refletirem sobre o tema de forma profunda. Explicamos também que o objetivo principal do projeto não era mudar a religião de

ninguém, mais sim de respeitar às pessoas independentes de sua crença, bem como desmistificar uma religião (Candomblé) tão carregada de preconceitos.

Tínhamos em mãos as informações medicinais das plantas, restando agora à função espiritual, onde para isso teria que consultar sua aplicabilidade dentro da religião do povo de santo. Um frio tomou conta de todos nós naquele momento, mas tivemos que sair da inércia. Foi assim que surgiu com a seguinte pergunta? Quem de vocês iria a um terreiro de candomblé para saber o uso espiritual das plantas que vocês coletaram? O silêncio pairou no ar, abismados, olharam uns pros outros e para nossa surpresa, vimos uma mão ser levantada, duas, três, aos poucos conseguimos um grupo de 12 alunos. Para todos nós envolvidos no projeto foi uma quantidade considerável, tendo em vista o preconceito que existia dentro da escola. Desafio maior ainda foi obter a autorização dos responsáveis para que os alunos pudessem ir, mais após vários diálogos obtivemos o consentimento dos mesmos para a jornada.

Conseguido a proeza de formar uma equipe disposta em ir ao terreiro, restava apenas contactar um santuário e o seu líder espiritual. Nessa ocasião poderíamos ter escolhido o terreiro da família da aluna C. B. S, mais para resguardá-la, preferimos escolher outro ilê. O terreiro escolhido foi o Ilê Axé Oxum Abatundé pertencente à líder espiritual mãe Zeninha. Ela foi muito receptível quando explicamos o objetivo do projeto, e aceitou com muita felicidade. Marcamos o dia e horário aonde pudessemos levar esse grupo de alunos voluntários e as plantas. A escolha do terreiro não foi feita por acaso, era chegado o momento de mostrar que uma mulher poderia chegar a mais alta patente de uma religião, desconstruindo a ideia de que somente os homens poderiam chegar ao mais alto posto, como ocorre na maioria das religiões.

Nas religiões monoteístas praticamente não existe mulheres como líderes espirituais ou divindades, para isso basta observar o judaísmo, cristianismo, budismo e o islamismo, onde a presença do ser feminino não é mencionada com a sua devida importância, nem como humana e nem como deusa. Segundo Bernardo (2005) nas sociedades conhecidas, o homem é o detentor dos poderes religiosos, cabendo a ele essa liderança, ou seja, somente ele consegue efetivar a comunicação ente os humanos e os deuses.

As exsiccatas foram levadas para Mãe Zeninha onde a mesma identificou as plantas que eram consagradas aos orixás femininos, pois naquele momento queríamos que os alunos

notassem a presença do feminino nas duas esferas, uma como sacerdotisa e outra como divindade. As informações sobre as plantas foram anotadas para serem inseridas posteriormente nas exsicatas. Na ocasião Mãe Zeninha frisou que os ensinamentos foram repassados pela sua antiga Mãe-de-santo que a iniciou na religião, e lhe transmitiu todo o conhecimento necessário para ser uma Yarorixá, e que isso era muito importante, pois o candomblé resgatava o reconhecimento da mulher como essencial a feitura de santo. Em suas abordagens também comentou a importância das ervas na cultura afro, e na perpetuação da imagem e resistência negra no país. O encontro foi muito importante, pois houve uma interação dos alunos com a comunidade além dos muros da escola, propiciando um intercâmbio muito interessante e rico.

Na escola os alunos voluntários puderam compartilhar as informações com os colegas, esclarecendo que não tinha visto nada de demoníaco no santuário e que não era aquilo que estavam pensando. Afirmaram também que a presença da mulher era muito marcante no terreiro da Mãe Zeninha, confirmando o que eles tinham aprendido nas oficinas. Esse foi o marco principal para todos nós. Percebemos naquele momento que eles puderam desenvolver através dessa ação o senso de tolerância religiosa, quebrando ideias pré-concebidas de preconceito e discriminação, reconhecendo a contribuição da mulher na religião dos povos tradicionais de terreiro.

Bem, de posse das informações sobre as plantas na mão, era o momento de inserí-las nas exsicatas. Para isso se reuniram em grupo e confeccionaram etiquetas com os seguintes dados: coletor da planta e data de coleta, nome científico e vulgar da planta, o orixá feminino regente e uso medicinal e espiritual da planta. As etiquetas foram coladas na parte inferior da cartolina onde estavam as plantas fixadas. As plantas catalogadas foram acondicionadas dentro de um armário apropriado, formando assim o herbário (local que se guarda plantas). O mesmo está localizado dentro do laboratório de biologia e ciências com seu nome em Iorubá intitulado Abatundé. Para nossa surpresa até agora é o único herbário em escolas públicas e privadas no país a preservar exclusivamente plantas sagradas dos orixás femininos do Brasil.

Outra situação que nos deixou muito felizes foi quando duas alunas cristãs (católica e evangélica) trabalhavam com as plantas sagradas dos orixás femininos. Ao perguntar o que fez motivá-las, elas reponderam que queriam acabar com o preconceito e dar visibilidade para as mulheres.

Com o avanço das oficinas o grande grupo sugeriu a implantação de um jardim didático com as plantas estudadas e regidas pelos orixás femininos. Este momento nos comoveu porque sentimos que tinha plantado uma semente que tinha germinado. Como a escola tem um grande espaço ocioso, resolvemos implantar o jardim das plantas sagradas. Antes de plantar as ervas, os alunos pesquisaram a distribuição geográfica de cada planta juntamente com a professora de geografia. Ele foi construído com ajuda dos alunos e vários professores envolvidos no projeto, trazendo mudas de plantas diversas. O momento foi de alta relevância para a preservação “*in natura*” das plantas sagradas, contribuindo para a preservação do patrimônio natural e religioso dos povos afro-brasileiros de maneira sustentável.

Aos poucos o corpo docente começou a utilizar o jardim didático nas suas aulas, contribuindo com outras disciplinas, efetivando o aprendizado na manutenção dos ecossistemas sustentáveis. A comunidade externa também foi beneficiada com o jardim, pois as plantas sagradas também são utilizadas pelo poder de cura medicinal. É comum sempre aparecer pessoas na escola interessadas em coletar folhas para chás e xaropes. Em uma comunidade pobre como a nossa, que nem sempre têm dinheiro para comprar remédios, isso faz um diferencial imenso.

Hoje o herbário intitulado **Abatundé** e o jardim didático **Afro Balê** estão abertos para toda comunidade escolar e membros externos da escola, inclusive para cientistas como: biólogos, ambientalistas e antropólogos, constituindo um espaço permanente de pesquisa e preservação, formando um ambiente científico e antropológico para estudos, onde as folhas sagradas do candomblé consagradas aos orixás femininos contam a saga das mulheres na conquista do seu espaço.

Queríamos ir mais além. Que o projeto pudesse contribuir para minimizar a intolerância religiosa e sexista fora dos muros da escola foi daí que surgiu a ideia de confeccionar uma cartilha sobre os principais Orixás femininos e seus domínios naturais. Perguntamos aos alunos se eles estavam dispostos em participar. A resposta veio em forma de um sim maravilhoso. Na ocasião foi pedido que pesquisassem sobre os orixás femininos e seus domínios na natureza, para que as informações fossem inseridas.

A cartilha se encontra disponível nas nuvens (internet) possibilitando que pessoas do mundo inteiro tenha acesso às informações do seu conteúdo, contribuindo para disseminação

no combate à intolerância religiosa e sexista. Ela pode ser obtida através do download gratuitamente no endereço eletrônico abaixo:

<http://www.mediafire.com/view/mtxh61aeajm63p4/CARTILHA.pdf>

De todos os momentos vividos durante o projeto o mais esperado foi o resgate da aluna (C.B.S.) para o espaço escolar. Ela mostra sua extrema felicidade através do vídeo que pode ser visto no you tube: <http://www.youtube.com/watch?v=w1ZZj6eMbEU> onde sintetiza toda importância do trabalho desenvolvido na construção da tolerância religiosa e igualdade de gênero.

EMBASAMENTO TEÓRICO

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o Poder Feminino. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 1-21, 2005.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **O Segredo das Folhas: Sistema de Classificação dos Vegetais no Candomblé Jeje-Nagô do Brasil**, Rio de Janeiro, Editora Pallas, 1993.

BASTOS, Ivana Silva. A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileira. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, p. 156-165, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/9A%20vis%C3%A3o%20do%20feminino.pdf>>. Acesso em: 10 de jul 2012.

CAMARGO, Maria Tereza L. de Arruda. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo, editora Ícone, 1998.

HIEDA, M. F.; ALVES A. A. Intolerância religiosa a umbanda: a perseguição da igreja universal do reino de deus aos umbandistas, *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. 3, n.9, p. 1983-2859. 2011.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio de Janeiro. Editora Pallas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo. Editora companhia das letras, 2001.

SOUZA, Raquel Ribeiro. et al. Plantas utilizadas em fitomagia na cidade de limoeiro. **Revista de Biologia e Farmácia**, Paraíba, v. 7, n. 2, p. 92-101, 2012.

POTENCIAL DE IMPÁCTO

O potencial de impacto pode ser observado em quatro esferas:

Social – Reconhecimento e valorização da mulher como ser primordial nas religiões afro-brasileiras. Contribuindo para a construção da igualdade de Gênero e tolerância religiosa nos espaços escolares;

Ambiental- Preservação das plantas sagradas do candomblé, como ferramenta potencial para manutenção do patrimônio biológico dos povos tradicionais de terreiro;

Virtual – Permite que as discussões sobre igualdade de gênero e tolerância religiosa sejam vivenciadas também fora dos muros da escola através da cartilha digital;

Cultural – Reconhecimento da importância das Yalorixás como símbolo de luta e resistência na preservação dos legados culturais dos povos afro-brasileiros.

RESULTADOS IMEDIATOS

Dentre os principais frutos obtidos dessa experiência pedagógica estão:

- Diminuição visível do preconceito e discriminação contra as mulheres e adeptos das religiões afro-brasileiras;
- Criação de um herbário com as principais plantas sagradas do candomblé consagradas aos orixás femininos: Oxum, Iansã, Iemanjá, Nanã e Obá, constituindo o primeiro herbário das escolas públicas e privadas do país a preservar esses tipos de plantas.
- Criação do primeiro jardim didático destinado às plantas sagradas dos orixás femininos, constituindo fonte de pesquisa “*in natura*” para membros de toda comunidade escolar, bem como para pesquisadores da comunidade externa.
- Criação de um livro digital (e-book) contando a saga dos orixás femininos na luta pelo seu reconhecimento como divindades da natureza.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E SUSTENTABILIDADE DO TRABALHO

A criação do material permanente como o jardim didático, herbário das plantas sagradas dos orixás femininos e cartilha digital demonstra uma ótima fase de maturação em que a escola se encontra. Com certeza contribuirá na continuidade do trabalho. Esses novos instrumentos de aprendizagem permitirá com que novos alunos vivenciem novas experiências, inclusive a possibilidade de serem implantados em outros espaços escolares, possibilitando a formação de uma sociedade justa e igualitária.

ANEXO



Foto A: Oficinas realizadas com os alunos do ensino médio; Foto B: Leitura e discussão da lei 10.639/2003 (história da cultura afro-brasileira e africana).



Separação das plantas trazidas pelos alunos para herborização.



Foto A: Montagem das exsiccatas; Foto B: Exsiccatas prontas para depósito em herbário.



Foto A: Terreiro Ilê Axé Oxum Abatundé; Foto B: Mãe-de-santo Zeninha



Fotos A e B: Estudantes voluntários



Vista de uma parte do jardim didático com plantas consagradas aos orixás femininos



Alunas membros de outras religiões trabalhando as plantas sagradas do candomblé



Foto A: Capa da cartilha digital; Foto B: Pesquisa para montagem da cartilha; Foto C: Alunos em equipe confeccionando a cartilha digital.